



QUE NÃO FALAR SOBRE O AUTISMO

UMA LEITURA DISCURSIVA PARA O COMBATE AO CAPACITISMO

Leticia de Souza Lopes

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Instituto de Geociências, Departamento de Geologia,
leticialopes250315@gmail.com

Resumo: Este artigo propõe uma análise semiótica e discursiva da imagem “O que não falar sobre o autismo”, publicada pelo portal Revista Autismo. A imagem apresenta frases comuns direcionadas a pessoas autistas e suas respectivas problematizações. O estudo visa identificar os efeitos de sentido produzidos pelo discurso visual e verbal da campanha, refletindo sobre seu papel na desconstrução de estereótipos e na promoção de uma cultura inclusiva.

Palavras-chave: autismo, discurso visual, capacitismo, semiótica, imagem social, inclusão



1. Introdução:

O presente trabalho propõe-se a analisar a imagem **“O que não falar sobre o autismo”**, veiculada pela Revista Autismo. A pesquisa parte da observação da frequência com que frases capacitistas são utilizadas no cotidiano, muitas vezes de forma inconsciente, contribuindo para a manutenção de estereótipos sociais e culturais em relação a pessoas autistas. O tema é relevante, pois os discursos que circulam socialmente influenciam práticas e atitudes, colaborando para a exclusão ou inclusão social de determinados grupos. Assim, pretende-se verificar, por meio da leitura semiodiscursiva, como a imagem em questão funciona como dispositivo de resistência e conscientização.

2. Verbal e Visual

A análise baseia-se na Semiótica de linha francesa, segundo Greimas (1979), que compreende o sentido como efeito produzido pela articulação de signos visuais e verbais. Embora numa outra corrente teórica, parece adequado utilizar o conceito de discurso de Pêcheux (1997), considerando que toda produção verbal e imagética esta atravessada por formações discursivas e ideológicas

Campanhas sociais sobre inclusão e respeito à diversidade têm se apropriado de recursos visuais estratégicos para sensibilizar o público e desconstruir preconceitos.

3. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e analítico, com abordagem semiótico-discursiva. O objeto de análise é a imagem **“O que não falar sobre o autismo”**, publicada na internet pela Revista Autismo. A metodologia consiste na descrição dos elementos visuais e verbais da imagem e na interpretação de seus sentidos a partir dos conceitos de semiótica e análise do discurso.

A análise considerou as relações entre as cores, as formas, a disposição dos textos e o conteúdo das mensagens. Em seguida, foram identificados os efeitos de sentido pretendidos pela campanha e as estratégias discursivas de combate ao capacitismo.

4. Análise e Interpretação dos Dados

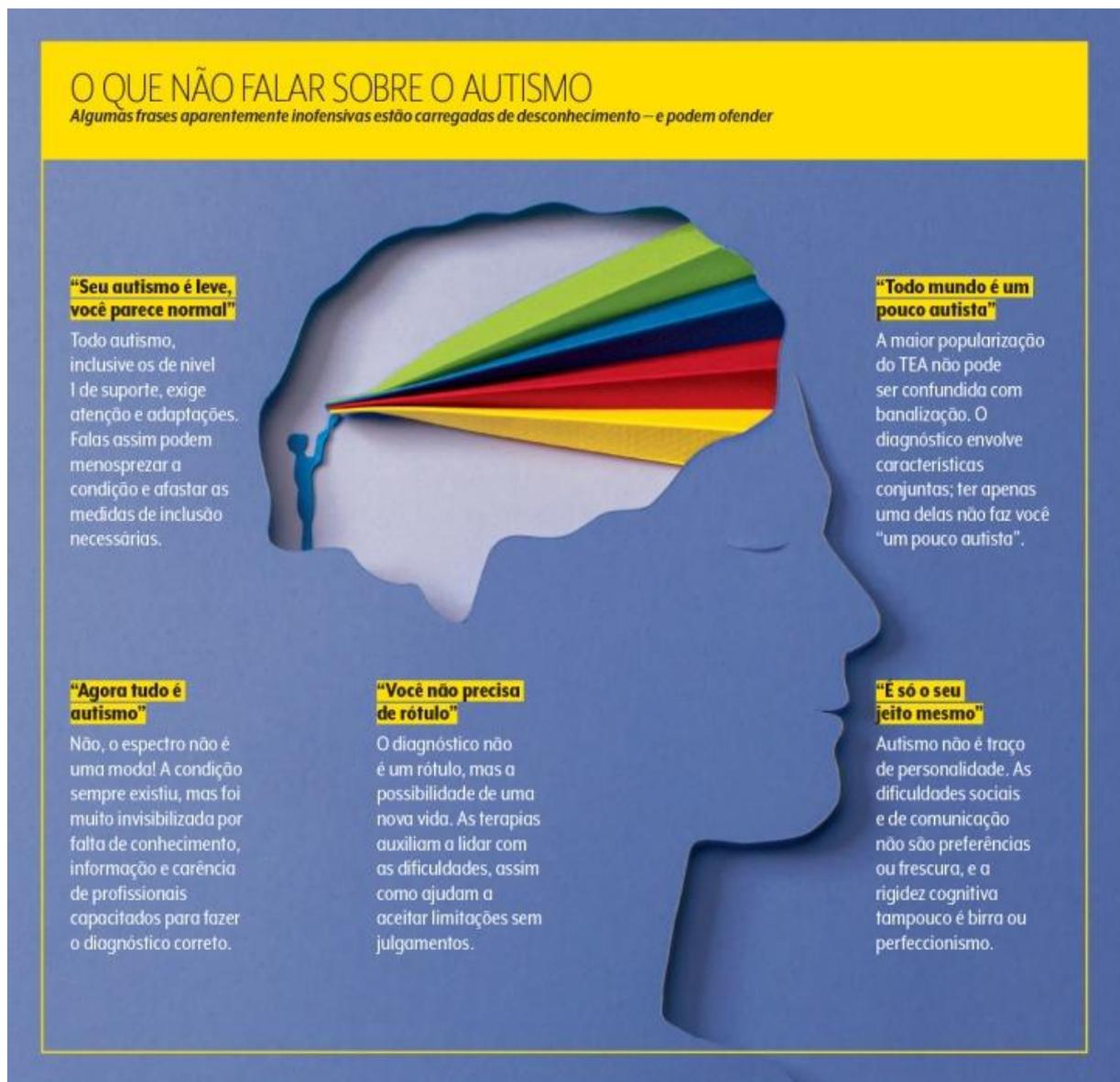


Figura 1 – Postagem na Revista Veja Saúde, publicada em 20 de abril de 2023



A imagem se estrutura com um layout limpo e de forte apelo visual: um recorte de perfil humano em azul, com um cérebro preenchido por faixas coloridas, remetendo à diversidade e pluralidade do espectro autista. As cores convergem de um ponto comum, representando a diversidade de manifestações e necessidades do TEA.

Cinco caixas de texto, em destaque amarelo, exibem frases comumente ditas a pessoas autistas e suas devidas problematizações, as frases selecionadas carregam sentidos capacitastes e são desconstruídas na própria imagem, a cor amarela sinaliza alerta, direcionando a atenção para as falas e suas implicações negativas.

Cada frase destacada na imagem funciona como um signo linguístico que carrega um valor social embutido. Exemplos:

- **“Seu autismo é leve, você parece normal”**: esta frase reflete um preconceito velado e naturalizado. Ao qualificá-lo como “leve”, minimiza-se a necessidade de acolhimento e adaptações, algo destacado no texto explicativo, que age como meta texto corretivo. Em outras palavras, "você parece normal", então não é autista: a frase chama o diagnosticado ou seu médico ou ambos de mentirosos.
- **“Todo mundo é um pouco autista”**: essa expressão, embora difundida, banaliza a condição. O texto refuta essa ideia explicando a complexidade diagnóstica e a impossibilidade de generalizar características isoladas. Essa segunda frase, ao afirmar "claro que você é, pois todo mundo é" sugere que o diagnóstico, que parece ser verdadeiro mas não é, é uma mentira.
- **“É só o seu jeito mesmo”**: nega-se aqui a especificidade do TEA enquanto condição clínica, reduzindo as dificuldades enfrentadas a traços de personalidade. Ao afirmar que não há o que diagnosticar, a frase diz que o autismo em você é uma falsidade: você nem é nem parece autista.
- **“Agora tudo é autismo” e “Você não precisa de rótulo”**: ambas as frases deslegitimam a importância do diagnóstico e das intervenções necessárias, o que



Universidade Federal de Minas Gerais
UEADSL 2025.1 - Liberdade e Cidadania

Universidade, EaD e Software Livre

a imagem combate, promovendo a ideia de diagnóstico como ferramenta de inclusão e qualidade de vida. A frase "Agora tudo é autismo" sugere que o diagnóstico é uma mentira, pois ele faz de você alguém que parece mas não é autista; já "você não precisa de rótulo" é uma fala que nega o autismo por outra via, um pouco mais complexa. esta fala trata o diagnóstico como um falso verdadeiro, ou seja, você não é nem parece ser autista (falso autismo), mas com o diagnóstico você pensa que é e nem parece: o rótulo torna sua normalidade um segredo.

Do ponto de vista discursivo, a imagem atua para desnaturalizar concepções reducionistas sobre o autismo, alertando para o impacto de frases aparentemente inofensivas, a campanha utiliza a linguagem acessível e direta para alcançar público amplo e promover reflexão crítica.

o texto verbal e visual assume , portanto, função social ao se colocar como enunciado de resistência, problematizando discursos hegemônicos e propondo a reconfiguração das práticas de interação social com pessoas autistas.

5. Conclusão.

A análise da imagem **"O que não falar sobre o autismo"** evidencia o potencial do discurso visual para provocar reflexão social e desconstruir estereótipos. Por meio de recursos semióticos e discursivos, a peça atua como ferramenta educativa e de conscientização, promovendo o combate ao capacitismo. Os resultados apontam que imagens de campanhas sociais, quando bem planejadas, cumprem papel fundamental na transformação das práticas sociais, evidenciando a necessidade de cuidado com a linguagem e o respeito às especificidades neurodivergentes.



Universidade Federal de Minas Gerais
UEADSL 2025.1 - Liberdade e Cidadania

Universidade, EaD e Software Livre

6. Referências

GREIMAS, A. J. **Semiótica estrutural: método e análise**. São Paulo: Cultrix, 1979.

PÊCHEUX, M. **Análise automática do discurso**. In: Gadet, F.; Hak, T. (orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

REVISTA AUTISMO. **O que não falar sobre o autismo**. Disponível em: <https://www.revistaautismo.com.br>. Acesso em: 10 jun. 2025.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição - Compartilha Igual (CC BY-SA- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.